



UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA MOVIMENTO DO GRAAL DO BRASIL  
CURSO MULHERES: CORPOS E MEMÓRIAS

## **Carta às Mulheres de Pindorama: Memórias Ancestrais e Dororidade do Corpo Negro Feminino**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
Juliana de Jesus Amorim Pádua

Brasília-DF, 20 de junho de 2023

## **Vozes-Mulheres**

### **Conceição Evaristo**

*A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela*

*A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.*

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/923-conceicao-evaristo-vozes-mulheres>

Sobradinho-DF, 20 de junho de 2023.

Às minhas irmãs, mulheres de Pindorama!

Sou uma mulher que carrega a consciência de ser atravessada e marcada pelas outras que me antecederam. Minhas ancestrais!! Em especial, trago comigo os corpos femininos do meu eixo familiar materno. Desde cedo sabia que era não branca, mas demorei muitos anos para entender a minha condição de mulher negra e periférica. E foi em nossos encontros de sábado à tarde, nas falas das várias vozes-mulheres de diversos cantos deste belo país, que me senti acolhida e compreendida sobre esse lugar-limbo de pessoa parda, cuja nomeação está mais a serviço de uma alienação do nosso pertencimento a diversas formas de negritudes, com marcas e nuances próprias.

Minha existência passou obviamente pelos desafios de um corpo feminino negro: ora preterida, ora sexualizada; atacada nos traços mais flagrantes de afrodescendência. Também sei que essa dororidade se fez menor em mim do que em outras irmãs; dor que se intensifica quanto maior for a aproximação de uma negritude. Como lembrança que carregarei para sempre nesses nossos momentos, tenho em mim as palavras potentes da deputada Andréia de Jesus sobre os rastros da violência e sua reivindicação

forte e sincera de uma vida mais feliz e leve para os nossos corpos chicoteados; maltratados por tantos séculos de maneira sórdida e ainda sem reparação histórica. E como disse a própria Andréia, não estamos mais em tempo de reparação, mas na reivindicação legítima do que socialmente nos pertence.

Quando olho para a minha linha familiar mulheril (irmã, mãe, primas e tias), vejo o quanto viver em corpos femininos e negros exige uma consciência sólida de nossa própria história, origem e saberes; nós que fomos sequestradas e cooptadas pelos valores de uma classe média branca a quem nós imitávamos e reproduzíamos cegamente. De uma formação religiosa ligada a valores espirituais de cura a partir da sabedoria indígena, passamos para católicas que ojerizam toda crença ou manifestação afrodescendente. Sinto-me até hoje muito apartada da grandiosidade das religiões de matriz afro, vivendo ainda com o parco conhecimento e com as poucas vivências dessas experiências que deveriam ser a nossa principal marca religiosa e espiritual.

Todos esses eventos tiveram evidentemente uma composição na nossa existência e na nossa trajetória. Vejo a força e a sobrevivência das mulheres da minha família, como mães solo, com poucas oportunidades de estudo, vítimas da violência doméstica e familiar. Ainda assim alegres, cheias de energia e com muita gana de viver. Entretanto há também sequelas que não podem ser desconsideradas, esses corpos gozam de uma saúde mais precária, de um envelhecimento sem tanto conforto ou possibilidades. Além disso, são mais suscetíveis a transtornos emocionais, sofrimentos acumulados ao longo da vida. Todavia, também graças a elas, e com seus ensinamentos possíveis, tivemos uma outra geração que desfrutou de maior liberdade, de mais acesso à educação formal e a possibilidade de um conhecimento mais profundo sobre o nosso ser e sobre este mundo que nos cerca. Assim, de maneira bastante emocionada, agradeço a elas, minhas parentes e até ancestrais, e a vocês, companheiras de tão belas trocas, pessoas de diversas idades, de realidades e vivências ímpares. Vamos seguindo em frente, “transformando pedras em pães”, unindo as nossas mãos e nos abraçando cada vez mais.

Juliana de Jesus Amorim Pádua